

12/7/1986

A batalha de Leme

Polícia contra bóias-frias: dois mortos, sete feridos a bala.

Os cortadores de cana de Leme estavam em greve há 12 dias. Ontem, por volta das 6 horas da manhã, um grupo de quase mil desses bóias-frias tentava impedir que alguns ônibus levassem colegas seus a uma usina. E tinham o apoio de três deputados do PT. Mas a polícia resolveu intervir. Os trabalhadores responderam com pedras. Começaram os tiros. No final, além dos dois mortos e dos feridos a bala, mais 40 com ferimentos leves.

Um violento choque entre 140 policiais militares e cerca de mil bóias-frias cortadores de cana do município de Leme — em greve há 12 dias reivindicando a mudança do sistema de medição da produção — causou a morte de duas pessoas, ferimentos graves em sete e ferimentos leves em pelo menos outras 40. O conflito começou por volta das seis horas da manhã de ontem, quando o grupo de aproximadamente mil bóias-frias faziam um piquete articulado pelos deputados federais Djalma Bom e José Genoíno Neto, pelo deputado estadual Anísio Batista, todos do PT, e também pelo candidato do partido a vice-governador do Estado, Paulo Otávio de Azevedo, além de integrantes da CUT regional de Campinas. Os grevistas tentavam impedir o acesso de alguns bóias-frias à usina Crisciunal, fazendo uma grande concentração na praça principal do bairro Santa Rita, na periferia de Leme, quando a Polícia Militar interveio Cibele Aparecida Manuel, de 16 anos, e Orlando Correia, de 22 anos, morreram. A autópsia revelou que foram atingidas por projéteis calibre 38 — o mesmo da PM.

O início do tumulto tem duas versões. A primeira, dos parlamentares do PT, segundo os quais os três pelotões de choque da PM que permaneciam no local para impedir o piquete investiram contra um grupo de grevistas que bloqueava a passagem dos ônibus que se deslocavam para a usina Crisciunal, usando, para isso, bombas de gás lacrimogêneo. Ainda de acordo com os deputados do Partido dos Trabalhadores — que acompanhavam a manifestação em dois carros oficiais da Assembléia Legislativa do Estado — quando a Polícia Militar iniciou o ataque, os bóias-frias se deslocaram até a via férrea localizada a poucas dezenas de metros da praça e passaram a se defender jogando pedras. Aí os policiais que acompanhavam a tropa de choque responderam com tiros.

Na versão dos policiais, os principais responsáveis pelo conflito foram os deputados do PT, que, na tentativa de impedir que o ônibus que transportava 50 volantes chegasse a usina, interceptaram o coletivo com um Opala azul, da Assembléia Legislativa — usando placas frias de São Paulo (MI-9964). Ainda de acordo com a PM, o tiroteio foi iniciado pelos manifestantes, havendo então a reação imediata dos policiais e, por isso, um dos comandantes da operação, o capitão policial militar Antônio Carlos Veronezzi, não sabia dizer, ontem à tarde, quais foram os responsáveis pelas duas mortes e ferimentos a tiro. "Pode ter sido a polícia ou os grevistas", afirma ele.

A Polícia Civil, entretanto, revistou as pastas de documentos e os veículos usados pelos parlamentares do PT, mas não encontrou nenhuma arma de fogo. Nenhum dos quatro policiais feridos no conflito foi baleado. Na identificação dos feridos feita pela Polícia Militar, uma contradição: o registro dos bóias-frias alvejados não coincide com a relação oficial do hospital. É o caso, por exemplo, de Jorge Aparecido Killiam, que aparece na lista da polícia como vítima de escoriações leves. Killiam, entretanto, está na Santa Casa de Leme com uma bala alojada no abdômen. Nesta mesma relação da Secretaria de Segurança consta o nome do sargento Kinston Tristão como tendo sido vítima de severas escoriações. Tristão, entretanto, passou toda a tarde na Delegacia de Polícia de Leme e não apresentava nenhum ferimento.

Os deputados José Genoíno, Djalma Bom, Anísio Batista e o candidato a vice-governador pelo PT Paulo Octávio de Azevedo, disseram ter sido espancados por policiais militares no momento em que eram detidos (dentro do prédio da Santa Casa de Leme, onde acabavam de internar duas pessoas feridas no conflito) e passaram cor exame de corpo de delito após terem sido liberados pelo delegado do município, João Batista Dias da Costa. No hospital, no final da tarde, continuavam internadas as sete pessoas baleadas: Antônio Quirino Lopes, Victor Nogueira, Valdecir Rosa, Jorge Aparecido Killiam, Paulo Honório Pereira, Jorge Quirino e Antônio Henrique de Oliveira.

O Instituto Médico Legal da região funciona em Araras, a 20 quilômetros de Leme, onde os corpos de Orlando e Cibele foram submetidos à autópsia, antes de serem entregues às famílias. Hoje às 9h30, haverá uma missa de corpo presente na Igreja Matriz, e, em seguida, o sepultamento no cemitério municipal. O clima é de tensão. A CUT e o PT pretendem transformar a cerimônia em uma grande manifestação de projeto.

Eduardo Mattos/José Garcia